doi.org/10.51891/rease.v12i11.33326

ATENDIMENTO A PESSOAS DO ESPECTRO AUTISTA NA ATENÇÃO PRIMÁRIA: OS DESAFIOS DA ENFERMAGEM

CARE FOR PEOPLE WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER IN PRIMARY HEALTH CARE: CHALLENGES FOR NURSING

ATENCIÓN A PERSONAS CON TRASTORNO DEL ESPECTRO AUTISTA EN LA ATENCIÓN PRIMARIA: LOS DESAFÍOS DE LA ENFERMERÍA

Carlos Lorran Dantas Júnior[1]
Larissa Raiany Lopes Olegário[2]
Renata Lívia Fonseca[3]

RESUMO: **Objetivo:** analisar os desafios enfrentados pela enfermagem no atendimento às pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na atenção primária à saúde.**Método:** pesquisa bibliográfica, descritiva e de abordagem qualitativa, realizada nas bases SciELO, Google Acadêmico, Biblioteca Virtual em Saúde, PubMed e Revista da Escola de Enfermagem da USP, com artigos científicos, manuais e publicações oficiais, cujos achados foram organizados em categorias temáticas.**Resultados:** foram identificadas sete categorias de desafios: limitações na formação acadêmica e na capacitação profissional; dificuldade de identificação precoce e de rastreio; inadequação da estrutura e do ambiente dos serviços; sobrecarga de trabalho e falta de tempo; fragilidade na continuidade do cuidado e na articulação da rede; dificuldades no acolhimento e no apoio às famílias; e necessidade de maior compromisso da gestão.**Conclusão:** o enfermeiro exerce papel essencial na escuta qualificada, no acolhimento familiar e na identificação precoce do TEA, mas a qualidade da assistência depende de qualificação profissional, educação permanente, serviços estruturados e políticas públicas voltadas à inclusão e ao cuidado integral.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista. Atenção Primária à Saúde. Enfermagem. Inclusão. Assistência Humanizada.

ABSTRACT: **Objective:** to analyze the challenges faced by nursing in caring for people with Autism Spectrum Disorder (ASD) in primary health care.**Method:** descriptive bibliographic research with a qualitative approach, conducted in the SciELO, Google Scholar, Virtual Health Library, PubMed and Revista da Escola de Enfermagem da USP databases, using scientific articles, manuals and official publications, with findings organized into thematic categories. **Results:** seven categories of challenges were identified: limitations in academic training and professional qualification; difficulty in early identification and screening; inadequate service structure and environment; work overload and lack of time; weaknesses in continuity of care and network coordination; difficulties in welcoming and supporting families; and the need for stronger management commitment.**Conclusion:** nurses play an essential role in qualified listening, family support and early identification of ASD, but the quality of care depends on professional qualification, continuing education, well-structured services and public policies aimed at inclusion and comprehensive care.

Keywords: Autism Spectrum Disorder. Primary Health Care. Nursing. Inclusion. Humanized Care.

[1]Bacharelando em Enfermagem, Centro Universitário Santa Maria (UNIFSM).
[2]Bacharelanda em Enfermagem, Centro Universitário Santa Maria (UNIFSM).
[3]Orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), Enfermeira.

RESUMEN: **Objetivo:** analizar los desafíos que enfrenta la enfermería en la atención a personas con Trastorno del Espectro Autista (TEA) en la atención primaria de salud. **Método:** investigación bibliográfica, descriptiva y de enfoque cualitativo, realizada en las bases SciELO, Google Académico, Biblioteca Virtual en Salud, PubMed y Revista da Escola de Enfermagem da USP, con artículos científicos, manuales y publicaciones oficiales, cuyos hallazgos fueron organizados en categorías temáticas.**Resultados:** se identificaron siete categorías de desafíos: limitaciones en la formación académica y en la capacitación profesional; dificultad en la identificación temprana y el cribado; inadecuación de la estructura y del entorno de los servicios; sobrecarga de trabajo y falta de tiempo; fragilidad en la continuidad del cuidado y en la articulación de la red; dificultades en la acogida y el apoyo a las familias; y necesidad de mayor compromiso de la gestión.**Conclusión:** el enfermero desempeña un papel esencial en la escucha calificada, en la acogida familiar y en la identificación temprana del TEA, pero la calidad de la atención depende de la cualificación profesional, la educación permanente, los servicios estructurados y las políticas públicas orientadas a la inclusión y al cuidado integral.

Palabras clave: Trastorno del Espectro Autista. Atención Primaria de Salud. Enfermería. Inclusión. Atención Humanizada.

1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA), ou autismo, caracteriza-se como uma condição do neurodesenvolvimento que pode influenciar aspectos da vida do indivíduo, principalmente na comunicação, interação social, comportamento e aprendizagem. Além disso, por apresentar manifestações variadas, o transtorno exige um acompanhamento contínuo e multiprofissional, com o objetivo de promover melhor qualidade de vida, inclusão e desenvolvimento integral da pessoa com autismo, conforme Klin e Mercadante (2006).

Atualmente, o cenário relacionado ao Transtorno do Espectro Autista demonstra crescimento significativo no número de diagnósticos em todo o mundo. Os principais indicadores para o TEA foram evidenciados pela publicação do Centro de Controle e Prevenção de Doenças, pertencente aos Estados Unidos (CDC, 2025), relatando que 1 em cada 31 crianças foi diagnosticada com TEA, considerando a idade de até 8 anos. Além disso, o Sistema de Informações Ambulatoriais do SUS (SIA/SUS), responsável pelo registro dos atendimentos ambulatoriais, apontou cerca de 9,6 milhões de atendimentos para pessoas diagnosticadas com TEA em consultas em postos de saúde (BRASIL, 2021).

Diante desse cenário, a atenção básica torna-se um dos principais meios de acolhimento às pessoas com Transtorno do Espectro Autista, uma vez que representa a porta de entrada e o primeiro contato dos indivíduos com os serviços de saúde. Sob esse viés, é de suma importância que a enfermagem esteja preparada para oferecer um atendimento acolhedor e inclusivo, garantindo que as necessidades de cada paciente sejam atendidas e, consequentemente,

proporcionando maior segurança e confiança às famílias. Além disso, a atuação do enfermeiro na atenção primária também contribui para a identificação precoce dos sinais do TEA, favorecendo encaminhamentos corretos e promovendo um cuidado humanizado, consolidando o vínculo entre a comunidade e os serviços de saúde, conforme Oliveira et al. (2025).

Nesse contexto, destaca-se também o papel da enfermagem no cuidado às crianças com Transtorno do Espectro Autista, principalmente por estar em contato direto e contínuo com os pacientes durante o atendimento. Assim, os enfermeiros tornam-se peças fundamentais para identificar dificuldades no cuidado e buscar estratégias que proporcionem um atendimento mais sensível às necessidades sensoriais, comportamentais e comunicacionais das crianças com TEA, especialmente em situações de emergência, conforme Figueiredo et al. (2026).

Além das dificuldades enfrentadas durante a assistência, observa-se também a presença de fragilidades relacionadas à formação acadêmica dos profissionais de enfermagem. No contexto acadêmico, grande parte dos estudantes de enfermagem apresentam dificuldades relacionadas ao conhecimento sobre o TEA, principalmente quando se trata dos sintomas, manejo e formas de tratamento. Essa limitação pode afetar diretamente a preparação profissional e a qualidade da assistência prestada às pessoas com TEA, demonstrando a importância de uma maior abordagem do tema durante a formação acadêmica, conforme Herr et al. (2024).

Outro ponto importante refere-se à fragilidade familiar diante do diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista. Para muitos indivíduos diagnosticados com TEA, o apoio familiar torna-se o principal alicerce para a condução terapêutica, considerando que as primeiras manifestações clínicas geralmente são identificadas pelos familiares e pessoas próximas. Após o diagnóstico, os cuidadores passam por dificuldades relacionadas à readaptação da rotina diária, impactando hábitos e dinâmicas familiares previamente estabelecidas. Além disso, muitas famílias enfrentam fragilidades emocionais, sociais e psicológicas, desenvolvendo sentimentos de medo, estresse, insegurança e sobrecarga diante das mudanças ocasionadas pelo diagnóstico, conforme Pinto et al. (2016).

Ademais, destaca-se também o compromisso do gestor frente à assistência prestada às pessoas com Transtorno do Espectro Autista. A elevada carga de trabalho exercida pelos profissionais de saúde, muitas vezes, dificulta a oferta de um apoio psicossocial adequado, tornando-se um obstáculo para um atendimento mais humanizado e eficiente, como cita Pinto et al. (2016).

Nesse contexto, evidencia-se a importância do gestor da atenção básica na organização dos serviços, elaboração de estratégias, integração das equipes multiprofissionais e fortalecimento da Rede de Atenção Psicossocial, visando garantir uma assistência ética, acolhedora e acessível às pessoas com TEA e seus familiares, conforme orienta o COFEN (2021).

Diante disso, percebe-se a necessidade de discutir os desafios enfrentados pela enfermagem no atendimento às pessoas com Transtorno do Espectro Autista na atenção primária à saúde, principalmente em relação à qualificação profissional, inclusão, acessibilidade e assistência humanizada. Assim, o presente estudo tem como objetivo analisar os desafios enfrentados pela enfermagem no cuidado às pessoas com TEA, destacando a importância do acolhimento, preparo profissional e fortalecimento das práticas inclusivas dentro da atenção básica.

1.1 Problema

Diante do aumento dos casos de Transtorno do Espectro Autista e principalmente da necessidade de um atendimento mais humanizado e inclusivo, percebe-se que ainda existem dificuldades relacionadas ao preparo da enfermagem na atenção primária à saúde, sobretudo no que se refere à acessibilidade, acolhimento, qualificação profissional e assistência adequada de pacientes com TEA. Ademais, surge o seguinte questionamento: quais são os principais desafios enfrentados pela enfermagem no atendimento às pessoas com Transtorno do Espectro Autista na atenção primária à saúde?

1.2 Justificativa

Este estudo se baseia na importância de discutir o atendimento a pessoas com Transtorno do Espectro Autista na atenção primária à saúde, considerando o aumento dos diagnósticos e a necessidade de um cuidado mais humanizado, inclusivo e que garanta a acessibilidade. Além disso, a pesquisa busca enfatizar os desafios que os profissionais de enfermagem enfrentam ao cuidar de pessoas com TEA, especialmente acerca da formação profissional, falta de recursos acadêmicos, acessibilidade e qualificação necessária para atender às necessidades específicas desses pacientes. Em suma, o estudo ganha importância ao contribuir para a compreensão do papel fundamental da enfermagem no cuidado com pessoas

com autismo, incentivando práticas receptivas e facilitando uma inserção mais eficaz nos serviços de saúde.

1.3 Objetivo

Analisar os desafios enfrentados pela enfermagem no cuidado à pessoa com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na atenção primária à saúde.

2 METODOLOGIA

2.1 Tipo de estudo e questão norteadora

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de natureza descritiva e abordagem qualitativa, realizada com o propósito de examinar os desafios enfrentados pela enfermagem no cuidado a pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na atenção primária à saúde. O estudo buscou entender elementos ligados à inclusão, acessibilidade, vulnerabilidade familiar, deficiência acadêmica, função da enfermagem e responsabilidade da gestão em relação ao atendimento a pessoas com TEA.

A questão norteadora foi: quais são os principais desafios enfrentados pela enfermagem no atendimento às pessoas com Transtorno do Espectro Autista na atenção primária à saúde?

2.2 Fontes de dados e estratégia de busca

Foram empregados artigos científicos, periódicos acadêmicos, dissertações, manuais e publicações oficiais do Ministério da Saúde e órgãos internacionais, como o Centers for Disease Control and Prevention (CDC). Os materiais foram selecionados nas bases de dados SciELO, Google Acadêmico, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), PubMed e Revista da Escola de Enfermagem da USP (REEUSP). A busca foi realizada considerando publicações de 2006 a 2026, priorizando aqueles publicados a menos de 10 anos para garantir lucidez ao artigo.

Os descritores empregados incluíram: “Transtorno do Espectro Autista”, “TEA”, “Enfermagem”, “Atenção Primária à Saúde”, “Inclusão”, “Acessibilidade”, “Assistência Humanizada”, “Família”, “Deficiência Acadêmica” e “Gestão em Saúde”.

Para o estudo foi utilizado a ferramenta de inteligência artificial Chat GPT para fins de pesquisa para complementar a busca pelos descritores, organização de dados, manejo das referências bibliográficas e consultoria sobre as normas da ABNT. Para tanto, a elegibilidade

do artigo segue as diretrizes éticas referentes a trabalhos acadêmicos e permanência de autoria própria para as citações da argumentação.

2.3 Critérios de elegibilidade

Foram incluídos artigos científicos e publicações diretamente relacionados ao Transtorno do Espectro Autista e à atuação da enfermagem na atenção primária à saúde, priorizando estudos completos, atualizados e disponíveis em língua portuguesa. Foram excluídos materiais incompletos, artigos repetidos e conteúdos sem relação significativa com a proposta e os objetivos do estudo.

2.4 Seleção e análise dos dados

Após a busca, foram identificadas várias referências bibliográficas, da triagem por título e resumo, 17 publicações tanto científicas, quanto jurídicas foram lidos na íntegra, do qual compuseram a análise, conforme o quadro 1. Em seguida, foi realizada uma leitura inicial, seletiva e interpretativa dos conteúdos, o que permitiu estruturar as informações de acordo com os temas tratados no estudo. Os dados foram organizados em torno dos seguintes eixos: função da atenção básica em relação à inclusão e acessibilidade, vulnerabilidade familiar, função da enfermagem, deficiência acadêmica e responsabilidade do gestor. Posteriormente, os desafios apontados pelos autores foram agrupados em categorias temáticas, apresentadas na seção de Resultados.

2.5 Aspectos éticos

Por tratar-se de uma revisão bibliográfica, que não envolveu a participação de seres humanos nem a coleta de dados primários, não foi necessária a apreciação pelo Comitê de Ética em Pesquisa.

3 RESULTADOS

3.1 Seleção e caracterização dos estudos

O processo de seleção das fontes está representado no Quadro 1. Foram incluídos artigos científicos, publicações institucionais e documentos oficiais relacionados ao TEA e à atuação da enfermagem na atenção primária à saúde.

Quadro 1 – Caracterização das fontes analisadas

Autor (ano)	Periódico / fonte	Tipo	Contribuição para os resultados
Girianelli et al. (2023)	Rev. Saúde Pública	Estudo com dados do SUS (22.483 crianças, 2013–2019)	Diagnóstico precoce do TEA no Brasil; cerca de 30% de diagnósticos precoces para o TEA e Transtorno Global do Desenvolvimento
Pinto et al. (2016)	Rev. Gaúcha Enferm.	Artigo científico	Impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares
Herr et al. (2024)	Rev. Enferm. UFSM	Artigo científico	Percepção de enfermeiros da atenção primária sobre o cuidado às famílias e Dificuldades de estudantes de enfermagem quanto ao conhecimento sobre TEA
Melo e Cunha (2026)	Rev. JRG Estud. Acad.	Artigo científico	Papel do enfermeiro na orientação familiar; deficiência de capacitação
Jerônimo et al. (2023)	Acta Paul. Enferm.	Artigo científico	Assistência do enfermeiro a crianças e adolescentes com TEA; vínculo e articulação intersetorial
Figueiredo et al. (2026)	Rev. Esc. Enferm. USP	Artigo científico (relatos de profissionais)	Assistência às crianças com transtorno do Espectro Austista ao pronto-socorro pediátrico realizados por profissionais
Prigolli, Rostirolla e Grando (2025)	Saberes Plurais Educ. Saúde	Artigo original	Atendimento humanizado e limitações estruturais na atenção primária
FIOCRUZ (2023)	Fundação Oswaldo Cruz	Publicação institucional	Famílias e barreiras de acesso após o diagnóstico
COFEN (2021)	Resolução COFEN nº 678/2021	Normativa	Atuação da equipe de enfermagem em saúde mental
Brasil (2012; 2015a; 2015b)	Leis nº 12.764/2012 e 13.146/2015; Ministério da Saúde	Legislação e documento oficial	Direitos da pessoa com TEA; capacitação inicial e continuada; linha de cuidado
Oliveira et al. (2025)	Revista Brasileira de Enfermagem	Artigo original	Detecção precoce do TEA pelo enfermeiro; fragilidade na identificação
Carvalho et al. (2024)	Revista Saúde e Desenvolvimento Humano	Artigo original	Fragilidades da assistência na atenção básica; ausência de protocolos
Torres et al. (2024)	Revista FT	Artigo científico — revisão integrativa da literatura.	Dificuldade de rastreio precoce; demora nos encaminhamentos
Moraes, (2025)	Revista FT	Pesquisa de campo, qualitativa e descritiva	Limitação do conhecimento profissional; pouca abordagem na graduação
Souza (2023)	UNIPAR	Artigo científico	O papel da enfermagem no cuidado com crianças do espectro autista

Fonte: Elaborado pelos autores (2026), com base na revisão bibliográfica.

3.2 Síntese dos desafios identificados

A análise da literatura reunida neste estudo permitiu identificar os principais desafios enfrentados pela enfermagem no atendimento às pessoas com Transtorno do Espectro Autista na atenção primária à saúde. Os achados foram agrupados em sete categorias, sintetizadas no Quadro 2, que relaciona cada desafio às evidências encontradas e aos autores que o apontam.

Quadro 2 – Desafios da enfermagem no atendimento a pessoas com TEA na atenção primária à saúde

Categoria do desafio	Principais achados	Autores
Formação acadêmica e capacitação profissional	Tema pouco abordado na graduação; insuficiência de capacitações permanentes; insegurança no atendimento; despreparo técnico.	Moraes (2025); Figueiredo et al. (2026) Melo e Cunha (2026)
Identificação precoce e rastreio	Dificuldade em reconhecer os sinais nas consultas de rotina; semelhança entre sintomas de transtornos; diagnóstico tardio, sobretudo em países em desenvolvimento; apenas cerca de 30% de diagnósticos precoces no Brasil.	Oliveira et al. (2025); Torres et al. (2024); Girianelli et al. (2023)
Estrutura dos serviços e ambiente	Ambientes inadequados e limitações estruturais; ausência de protocolos bem definidos; necessidade de espaços neutros e confortáveis.	Prigolli, Rostirolla e Grando (2025); Carvalho et al. (2024); Figueiredo et al. (2026)
Sobrecarga de trabalho e falta de tempo	Elevada carga de trabalho e outras demandas de saúde dificultam o apoio psicossocial e as terapias em grupo.	Figueiredo et al. (2026); Pinto et al. (2016)
Continuidade do cuidado e articulação da rede	Demora nos encaminhamentos; limitação de recursos; dificuldade de articular saúde, educação, assistência social e família.	Torres et al. (2024); FIOCRUZ (2023); Figueiredo et al. (2026); Jerônimo et al. (2023)
Acolhimento e apoio às famílias	Insegurança dos profissionais na condução das demandas familiares; sobrecarga emocional, social e financeira dos cuidadores.	Herr et al. (2024);Melo e Cunha(2026); Jerônimo et al. (2023); Pinto et al. (2016); Souza (2023)
Compromisso da gestão	Necessidade de garantir capacitação inicial e continuada, organizar os serviços e fortalecer a Rede de Atenção Psicossocial.	Brasil (2015a); COFEN (2021)

Fonte: Elaborado pelos autores (2026), com base na revisão bibliográfica.

O desafio mais recorrente foi a limitação da formação acadêmica e da capacitação profissional. Os estudos concordam que o tema é pouco abordado na graduação e que as capacitações permanentes nos serviços são insuficientes, o que gera insegurança no atendimento e compromete a qualidade da assistência (Herr et al. (2024); Melo e Cunha (2026); MORAES et al., 2025). Essa fragilidade está diretamente ligada à segunda categoria, a dificuldade de identificação precoce: sem preparo técnico, sinais comportamentais e de comunicação passam despercebidos nas consultas de rotina, o que atrasa o diagnóstico e os encaminhamentos

(TORRES et al., 2024; OLIVEIRA et al., 2025). Os dados de Girianelli et al. (2023) reforçam esse cenário ao mostrar que apenas cerca de 30% dos diagnósticos no Brasil são precoces para o autismo e outras doenças de Transtorno Global do desenvolvimento.

Os achados também revelaram desafios de ordem estrutural e organizacional. Os serviços apresentam ambientes inadequados, ausência de protocolos bem definidos e suporte especializado limitado (PRIGOLLI; ROSTIROLLA; GRANDO, 2025; CARVALHO et al., 2024), somados à sobrecarga de trabalho e à falta de tempo dos profissionais (Figueiredo et al., 2026; PINTO et al., 2016). A demora nos encaminhamentos e a dificuldade de articulação entre saúde, educação e assistência social comprometem a continuidade do cuidado e ampliam o esforço da enfermagem para além da atuação clínica (TORRES et al., 2024; JERÔNIMO et al., 2023).

Em relação às famílias, a literatura aponta que o diagnóstico traz sobrecarga emocional, social e financeira, e que os profissionais nem sempre se sentem seguros para conduzir essas demandas, o que torna o acolhimento e a orientação familiar um desafio contínuo Herr et al. (2024); Melo e Cunha (2026); FIOCRUZ, 2023). Por fim, destaca-se o compromisso da gestão, responsável por garantir capacitação inicial e continuada, organizar os serviços e fortalecer a rede de cuidado (BRASIL, 2015a; COFEN, 2021).

A seguir, são detalhados, a partir da literatura analisada, o papel da atenção básica e da enfermagem, a situação das famílias, a formação acadêmica dos profissionais, o compromisso da gestão e os desafios enfrentados pela enfermagem na atenção primária.

3.3 Papel da Atenção Básica: Inclusão e Acessibilidade

Dentre todos os profissionais de saúde, o enfermeiro normalmente é o primeiro a criar o elo entre paciente e profissional da rede de atenção à saúde. Em função desse papel, é fundamental o preparo e competência para lidar efetivamente na detecção precoce das manifestações clínicas sugestivas de TEA, para que haja o tratamento adequado, visando melhora do quadro e maior perspectiva de vida (Oliveira et al., 2025).

Vale destacar, (Oliveira et al., 2025), onde a fragilidade na identificação precoce do TEA, em virtude da ausência de especialização e competência dos enfermeiros da rede de atenção à saúde, voltado não apenas ao diagnóstico como na condução ao especialista adequado para o caso, inaptidão dos responsáveis sobre os comportamento e neurodesenvolvimento do seu dependente, além da semelhança entre sintomatologia de diferentes transtornos psiquiátricos.

Outrossim, um estudo reconheceu a constatação do Espectro na primeira infância, mais precisamente até os dois anos de idade, considerando países em alto desenvolvimento econômico e estrutural. Em contrapartida, nações em subdesenvolvimento possuem atraso na análise definitiva da condição, ocorrendo por volta dos 4 ou 5 anos de idade. Evidenciando, a falta de estrutura e qualificação profissional no que concerne ao tratamento e identificação ponderal do estado clínico dos pacientes. Ponderando a identificação precoce da patologia pode ser validada com até 36 meses de idade (3 anos de idade), em consonância com Oliveira et al. (2025).

Para tanto, Oliveira et al. (2025) afirmam que para que ocorra as devidas ações deve-se tomar providência relacionada às ações frágeis e incapacidade coletiva de todos os envolvidos na problemática. Sob este viés, cabe a atenção básica de saúde de intercorrer e providenciar o quando antes o desenvolvimento das habilidades clínicas da enfermagem como um todo, visando erradicar a baixa adesão e resolução do tema nas unidades básicas de saúde.

3.4 Fragilidade da Família Diante do Diagnóstico de TEA

O diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista é uma situação complexa para muitas famílias, principalmente porque gera uma série de mudanças na rotina dessa família, nas interações e nas questões emocionais dos cuidadores. Em muitos casos, os familiares precisam refazer suas rotinas diárias para cuidar das necessidades da criança, o que pode, com o passar dos dias, representar uma sobrecarga física e psicológica. Em suma, o acesso aos serviços especializados muitas vezes se torna difícil, e a falta de certeza sobre o desenvolvimento da criança torna o processo ainda mais difícil. Assim, pode entender-se que o diagnóstico do TEA vai muito além de uma simples avaliação, pois impacta diretamente toda a rotina familiar Herr et al. (2024).

Além das dificuldades emocionais, a maioria das famílias também enfrentam problemas sociais e financeiros quando recebem o diagnóstico. Ademais, muitos dos custos de terapias, consultas com especialistas, acompanhamento com profissionais e deslocamentos afetam diretamente a qualidade de vida dos cuidadores e aumentam a sobrecarga familiar justamente pela falta de recursos e dinheiro. Com isso, a necessidade de se dedicar constantemente à criança pode interferir na vida profissional e interação social dos responsáveis, causando isolamento, cansaço e esgotamento emocional. Assim, as famílias enfrentam desafios que vão além do

cuidado direto com a criança, incluindo fatores econômicos e sociais que afetam o dia a dia dessas pessoas, como destaca Melo e Cunha (2026).

Nessa situação, a assistência de enfermagem desempenha um papel muito importante no acolhimento das famílias de crianças com Transtorno do Espectro Autista, especialmente quando se trata da atenção primária à saúde. O enfermeiro está sempre em contato direto com a comunidade, então ele se torna uma conexão muito importante entre os serviços de saúde e os familiares. Ele pode oferecer orientações, ouvir com atenção e dar apoio emocional durante o processo de adaptação ao diagnóstico. Além disso, a enfermagem ajuda a fortalecer o vínculo entre a família e o serviço de saúde, o que favorece um cuidado mais humanizado, acessível e integral, como mostram os estudos de Melo e Cunha (2026).

Outro desafio importante enfrentado pelas famílias refere-se às barreiras de acesso aos serviços de saúde e suporte terapêutico. Muitas vezes, os familiares encontram dificuldades para conseguir acompanhamento especializado, continuidade do cuidado e inclusão social adequada para a criança com autismo. Além disso, a limitação dos serviços públicos e a demora nos encaminhamentos contribuem para o aumento da fragilidade familiar e comprometem a qualidade da assistência oferecida. Nesse sentido, percebe-se que a ausência de suporte adequado intensifica ainda mais a sobrecarga emocional vivenciada pelas famílias, conforme aponta a FIOCRUZ (2023).

Outrossim, a dedicação gerada na vida familiar após o diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista prova que o transtorno afeta não apenas a criança, mas também todos os indivíduos do seu convívio familiar. Assim, as mudanças na estrutura familiar e nas relações de cada um exige maior apoio emocional e psicológico para os cuidadores, principalmente devido ao desgaste físico e mental provocado pelas demandas diárias do cuidado. Portanto, observa-se que com um bom suporte familiar e uma assistência multiprofissional é indispensável para diminuir os impactos causados pelo diagnóstico do autismo.

Diante desses fatos, percebe-se que a fragilidade familiar frente ao diagnóstico do TEA, representa um dos principais desafios relacionados ao cuidado dessas pessoas. Nesse contexto, as dificuldades emocionais, sociais, financeiras e assistenciais enfrentadas pelos familiares evidenciam a necessidade de fortalecimento das políticas públicas, ampliação do suporte multiprofissional e qualificação dos serviços de saúde. Assim, a enfermagem destaca-se como peça fundamental no acolhimento e orientação das famílias, contribuindo para uma assistência

mais humanizada, inclusiva e integral às pessoas com Transtorno do Espectro Autista e seus cuidadores.

3.5 Papel da Enfermagem no Cuidado à Pessoa com TEA

Além do que, a assistência de enfermagem à pessoa com TEA demanda preparo técnico e científico para compreender as particularidades do transtorno e oferecer um cuidado adequado às necessidades de cada indivíduo. A identificação dos sinais sugestivos de autismo ainda na infância representa uma das principais contribuições do enfermeiro, especialmente porque o profissional acompanha o desenvolvimento infantil durante consultas e atendimentos de rotina. Dessa maneira, a observação criteriosa do comportamento, da comunicação e da interação social da criança pode favorecer intervenções precoces e melhorar significativamente o prognóstico e a qualidade de vida do paciente (SOUZA, 2023).

Outro aspecto importante refere-se à atuação humanizada da enfermagem durante o acompanhamento das pessoas com TEA. Muitas crianças com autismo apresentam dificuldades de comunicação, interação social e adaptação aos ambientes de saúde, exigindo do profissional maior sensibilidade, paciência e preparo para conduzir o atendimento. Além disso, o fortalecimento do vínculo entre profissional, paciente e família contribui diretamente para uma assistência mais eficaz e integral (JERÔNIMO et al., 2023).

A enfermagem também desempenha importante papel no apoio às famílias de crianças com Transtorno do Espectro Autista. Após o diagnóstico, muitos familiares enfrentam insegurança, medo, dúvidas e dificuldades relacionadas ao cuidado diário da criança. Nesse cenário, o enfermeiro atua como facilitador do cuidado, oferecendo orientações, apoio emocional e esclarecimentos sobre o transtorno e suas formas de acompanhamento. Dessa maneira, a assistência de enfermagem contribui não apenas para o cuidado da criança, mas também para o fortalecimento emocional e social dos cuidadores (JERÔNIMO et al., 2023).

Todavia, apesar da importância da enfermagem nesse contexto, ainda existem diversos desafios relacionados à assistência prestada às pessoas com TEA. O aumento significativo dos casos de autismo no Brasil vem exigindo maior preparo dos profissionais da atenção básica, principalmente dos enfermeiros, que frequentemente representam o primeiro contato da família com os serviços de saúde. Contudo, muitos profissionais ainda apresentam dificuldades relacionadas ao conhecimento técnico sobre o transtorno, situação que compromete o rastreio

precoce dos sinais sugestivos do TEA e interfere diretamente na qualidade da assistência oferecida (Melo e Cunha (2026).

Nesse contexto, a deficiência acadêmica e a falta de capacitação profissional destacam-se como importantes fragilidades enfrentadas pela enfermagem. Muitos enfermeiros relatam não se sentirem preparados para lidar com as especificidades do autismo, principalmente devido à pouca abordagem do tema durante a graduação e à insuficiência de capacitações permanentes nos serviços de saúde. Dessa forma, a ausência de preparo adequado pode gerar insegurança durante o atendimento e dificultar a construção de um cuidado mais humanizado, acolhedor e eficiente às pessoas com Transtorno do Espectro Autista (Melo e Cunha (2026).

Diante disso, percebe-se que a enfermagem possui papel essencial no cuidado às pessoas com Transtorno do Espectro Autista, especialmente no que se refere à identificação precoce, acolhimento familiar, orientação, acompanhamento contínuo e promoção de práticas humanizadas. Contudo, os desafios relacionados ao despreparo profissional, deficiência acadêmica e necessidade de educação permanente ainda representam obstáculos importantes dentro da assistência à pessoa com TEA. Assim, torna-se fundamental investir na qualificação dos profissionais de enfermagem e fortalecer as políticas públicas voltadas ao cuidado integral das pessoas com autismo e suas famílias (Melo e Cunha (2026).

3.6 Deficiência Acadêmica na Formação Profissional

De acordo com Jerônimo et al. (2023), é possível revelar a incapacidade dos profissionais de saúde, marcando a insensibilidade por parte dos atendimentos, e criando um obstáculo para o exercício da enfermagem e manifestando a carência dos serviços qualificados na escuta e manejo clínico e terapêutico para as pessoas com TEA, principalmente em países mais pobres.

Segundo Jerônimo et al. (2023, p. 4), um dos enfermeiros entrevistados relatou que o resultado do trabalho é lento e alterna avanços e retrocessos, e que a maior dificuldade é mudar o foco de interesse da pessoa com TEA, que costuma se restringir a um único assunto.

Consequentemente, como cita Jerônimo et al. (2023), a dificuldade se entende além da especialização, mas a falta de pesquisas e falta de preparo na própria construção da especialização, pois todos os enfermeiros entrevistados no estudo, estavam graduando em psiquiatria e já trabalham no CAPS (Centros de Atenção Psicossocial), por volta dos 3 anos de anos de experiência.

Além do mais, outro entrevistado ressalta que a continuidade do tratamento depende do envolvimento da família e da articulação entre o serviço de saúde, a família e a escola, de modo que todos atuem de forma integrada (Jerônimo et al., 2023, p. 4).

Todas as debilidades dos profissionais, resultam na perda de adesão e esgotamento psíquico aos familiares. Além desse viés, o depoimento do enfermeiro revela a imensidão da precariedade social, visto que muitas instituições e grupos que deveriam apoiar e desenvolver indivíduo autista, infelizmente corroboram com a exaustão profissional. Demonstrando o obstáculo em articular com outros setores, incluindo a área da educação, que não fomenta de auxílio e apoio para administrar e contribuir na resolução da problemática.

Ademais, é plausível apontar o material Jerônimo et al. (2023), em decorrência da presença de outras comorbidades em pacientes com TEA, sendo manifestados em mais da metade dos pacientes, o que eventualmente dificulta o trabalho dos agentes participativos da saúde, comprometendo o diagnóstico efetivo e rápido dessa alteração psicossomática.

Outrossim, Jerônimo et al. (2023), ainda informam sobre a falta de tempo decorrente de outras demandas de saúde, impossibilitando a ação do enfermeiro e demais agentes envolvidos na conduta integral e ativa a resolução das comorbidade, terapias em grupo e atenção com alterações clínicas. Não obstante, não faltam obstáculo para a enfermagem uma vez que o ambiente também se transfigura como ponto chave para o bem estar do indivíduo, carecendo de uma infraestrutura própria, um ambiente limpo, neutro e confortável para que o paciente autista possa sentir-se bem acomodado e facilitando todas as abordagens e a atuação do Enfermeiro.

3.7 Compromisso do Gestor Frente à Assistência às Pessoas

Para o reconhecimento do autismo e como forma de compromisso do gestor, é obrigatório garantir o cumprimento da constituição, entre essas normas, existe a Lei Berenice Piana (Lei nº 12.764/2012), que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista e considera a pessoa com TEA como pessoa com deficiência para todos os efeitos legais (BRASIL, 2012). Soma-se a ela a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015), que fortalece os direitos da pessoa com deficiência, incluindo o enfrentamento a todas as formas de violência e discriminação e a inclusão nos mais variados setores, como o de trabalho e emprego (BRASIL, 2015a).

Adicionalmente, a legislação também garante o acesso à saúde em variados campos de atuação, mostrando a influência do agente curativo, em todas as etapas do processo de melhora, justificando a autonomia e participação do gestor, no vínculo à competências referente a atividades e ações pertencentes ao cenário, desde a criação de novas condutas ao manejo integral com as demais áreas da saúde.

O art. 18 da Lei nº 13.146/2015 determina que os profissionais que prestam assistência à pessoa com deficiência tenham capacitação inicial e continuada e que as ações de saúde pública assegurem diagnóstico e intervenção precoces por equipe multidisciplinar, serviços de habilitação e reabilitação, atendimento domiciliar multidisciplinar, tratamento ambulatorial, internação e campanhas de vacinação (BRASIL, 2015a, art. 18, §§ 3º e 4º).

A assistência mediante ações do dirigente, levam em consideração a articulação, com atividades coletivas envolvendo as redes de atenção à saúde, desde a participação das equipes de Saúde da Família (eSF), o NASF (Núcleo Ampliado de Saúde da Família e Atenção Básica, atualmente reorganizado como equipes multiprofissionais na atenção primária – eMulti) e as equipes de Saúde Bucal. Desenvolvendo ações conjuntas abrangendo as atividades de assistência ao desenvolvimento da Criança e uso de bancos de dados compartilhados para identificação e enumeração da incidência de diversos acontecimentos referidos aos pacientes neurodivergentes (BRASIL, 2015b).

3.8 Desafios da Enfermagem no Atendimento às Pessoas com TEA na Atenção Primária

O crescimento expressivo na identificação do Transtorno do Espectro Autista nos últimos anos trouxe impactos importantes para os serviços da Atenção Primária à Saúde, principalmente devido ao crescimento da demanda por acompanhamento, acolhimento e intervenções precoces. Nesse contexto, a enfermagem passou a ocupar posição fundamental dentro do cuidado às pessoas com TEA, especialmente por estar diretamente ligada às consultas, acompanhamento do desenvolvimento infantil e orientação familiar. No entanto, apesar da relevância dessa atuação, ainda existem diversas fragilidades que dificultam uma assistência integral e efetiva às pessoas com autismo dentro da atenção básica (CARVALHO et al., 2024).

Entre os principais desafios enfrentados pela enfermagem destaca-se a limitação do conhecimento profissional acerca do Transtorno do Espectro Autista. Muitos enfermeiros relatam que o tema foi pouco abordado durante a graduação e que existe insuficiência de capacitações específicas voltadas ao atendimento das pessoas com TEA. Essa deficiência

acadêmica interfere diretamente na segurança profissional e dificulta a identificação precoce dos sinais do transtorno, principalmente nos primeiros anos de vida, período considerado essencial para intervenções terapêuticas mais eficazes (MORAES, 2025).

Além disso, a dificuldade no reconhecimento dos sinais do autismo compromete diretamente o processo de rastreio precoce e os encaminhamentos necessários para acompanhamento multiprofissional. Dessa maneira, percebe-se que a falta de preparo técnico não afeta apenas o trabalho da enfermagem, mas também interfere no desenvolvimento da criança e na qualidade da assistência oferecida à família (TORRES et al., 2024).

Outro desafio importante refere-se à construção de um atendimento verdadeiramente humanizado às pessoas com TEA dentro da atenção primária. O cuidado ao paciente com autismo exige do enfermeiro sensibilidade, escuta qualificada, adaptação da comunicação e compreensão das particularidades de cada indivíduo. Todavia, muitos serviços de saúde ainda apresentam limitações estruturais e ambientes inadequados para atender essas pessoas, dificultando o acolhimento e tornando o atendimento mais estressante tanto para o paciente quanto para os familiares. Assim, além da capacitação profissional, torna-se necessário adaptar os espaços e fortalecer práticas mais inclusivas dentro da APS (PRIGOLLI; ROSTIROLLA; GRANDO, 2025).

Somado a isso, as famílias das pessoas com TEA frequentemente enfrentam dificuldades emocionais, sociais e financeiras após o diagnóstico, necessitando de acompanhamento contínuo e apoio multiprofissional. Nesse cenário, a enfermagem assume importante papel no acolhimento e orientação familiar, porém muitos profissionais ainda relatam insegurança na condução dessas demandas devido à ausência de protocolos bem definidos e à limitação de suporte especializado dentro da rede pública de saúde. Dessa forma, a fragilidade estrutural dos serviços acaba aumentando a sobrecarga tanto das famílias quanto dos próprios profissionais da atenção básica (CARVALHO et al., 2024).

Outro ponto relevante envolve a necessidade de continuidade do cuidado às pessoas com Transtorno do Espectro Autista. Embora a atenção primária seja considerada a principal porta de entrada do sistema de saúde, muitos pacientes encontram dificuldades no acesso a terapias, consultas especializadas e acompanhamento multiprofissional. A demora nos encaminhamentos e a limitação de recursos disponíveis comprometem a assistência integral e dificultam a construção de uma rede de cuidado efetiva para as pessoas com TEA. Assim, a enfermagem acaba enfrentando desafios que ultrapassam o cuidado clínico, envolvendo

também limitações institucionais e organizacionais da própria rede de saúde (TORRES et al., 2024).

Diante disso, percebe-se que os desafios da enfermagem no atendimento às pessoas com TEA na atenção primária envolvem fatores relacionados ao despreparo profissional, deficiência acadêmica, dificuldades estruturais dos serviços de saúde, limitações no diagnóstico precoce e fragilidades no suporte multiprofissional. Portanto, fortalecer a qualificação da enfermagem e ampliar estratégias de cuidado humanizado torna-se fundamental para garantir assistência integral, acessível e de qualidade às pessoas com Transtorno do Espectro Autista dentro da atenção primária à saúde.

4 DISCUSSÃO, IMPLICAÇÕES PARA A PRÁTICA E LIMITAÇÕES

Os resultados mostram que os desafios da enfermagem no atendimento às pessoas com TEA na atenção primária são de natureza formativa, estrutural e organizacional, e não apenas clínica. A convergência entre as fontes quanto à limitação da formação e da capacitação Herr et al. (2024); Melo e Cunha (2026); MORAES, 2025; Figueiredo et al., 2026) indica que esse é o ponto de partida dos demais desafios, como a dificuldade de identificação precoce e a insegurança na condução das demandas das famílias.

O contexto brasileiro reforça essa demanda: o Censo 2022 identificou 2,4 milhões de pessoas com diagnóstico de TEA (IBGE, 2025), enquanto apenas cerca de 30% dos diagnósticos de autismo e de outros Transtorno Global do Desenvolvimento acontecem de maneira são precoce (GIRIANELLI et al., 2023). Esse descompasso entre o aumento dos diagnósticos e o preparo dos serviços sugere que a atenção primária, por ser a porta de entrada do sistema, concentra tanto a oportunidade quanto a fragilidade da identificação precoce.

Como implicações para a prática, as fontes apontam a necessidade de educação permanente e de maior abordagem do tema na graduação, de protocolos e fluxos de encaminhamento bem definidos, da adaptação dos ambientes de atendimento, da escuta qualificada e do acolhimento das famílias e da articulação entre saúde, educação e assistência social (JERÔNIMO et al., 2023; CARVALHO et al., 2024; PRIGOLLI; ROSTIROLLA; GRANDO, 2025). À gestão cabe garantir a capacitação inicial e continuada prevista em lei (BRASIL, 2015a).

Entre as limitações, destaca-se que, por tratar-se de uma revisão bibliográfica, não foi realizada avaliação formal da qualidade metodológica das fontes, e que a seleção priorizou

publicações em língua portuguesa, o que pode ter deixado de fora evidências produzidas em outros idiomas. Parte das fontes é de natureza descritiva ou baseada em relatos de profissionais, o que limita a generalização dos achados. Sugere-se a realização de novos estudos, em especial com a participação direta de enfermeiros da atenção primária.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo que fizemos ajudou a entender melhor os principais desafios que a enfermagem enfrenta ao atender pessoas com Transtorno do Espectro Autista na atenção primária à saúde. Ficou claro que o cuidado a essas pessoas não se limita apenas ao aspecto clínico, mas também envolve questões sociais, emocionais, familiares, educacionais e estruturais. Os resultados mostraram que esses desafios se concentram na formação e capacitação profissional, na identificação precoce, na estrutura e organização dos serviços, na continuidade do cuidado, no apoio às famílias e no compromisso da gestão.

Ao longo da pesquisa, notamos que os desafios identificados evidenciam a necessidade de melhorar as políticas públicas, qualificar os profissionais de saúde e ampliar o acesso aos serviços de saúde de maneira mais inclusiva e humana. Também foi possível ver que o Transtorno do Espectro Autista se manifesta de muitas formas diferentes, o que exige um acompanhamento contínuo e a atuação de várias áreas profissionais, especialmente na atenção básica, que é a porta de entrada do Sistema Único de Saúde. Nesse sentido, a atenção primária desempenha um papel importante na inclusão, acessibilidade, acolhimento familiar, identificação precoce dos sinais do transtorno e encaminhamento adequado dos pacientes para outros níveis de assistência.

A pesquisa mostrou ainda a fragilidade que as famílias enfrentam quando recebem o diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista, marcada por insegurança, sobrecarga emocional, dificuldades financeiras e barreiras para acessar serviços especializados. Portanto, é fundamental que o cuidado não se concentre apenas na pessoa autista, mas também nos familiares, que frequentemente precisam de orientação, escuta qualificada e suporte emocional durante todo o processo de adaptação e tratamento.

Outro ponto relevante identificado é a deficiência acadêmica e os desafios existentes na formação dos profissionais de saúde, especialmente da enfermagem. Muitos profissionais ainda demonstram insegurança, despreparo técnico e dificuldade no manejo clínico e terapêutico de pessoas com Transtorno do Espectro Autista, o que compromete diretamente a qualidade da

assistência prestada. Deste modo, é fundamental fortalecer a formação acadêmica e a educação continuada, visando preparar os profissionais para um atendimento mais ético, inclusivo e humanizado.

Além do mais, observamos que o compromisso da gestão é fundamental para oferecer uma assistência de qualidade às pessoas com TEA. Com isso, a falta de recursos e investimentos em infraestrutura, capacitação profissional, organização dos serviços, falta de manejos e ampliação da rede de apoio dificulta a construção de um cuidado integral e acessível. Consequentemente, é necessário que os gestores atuem de forma ativa no planejamento e implementação de estratégias voltadas à inclusão e ao fortalecimento da atenção às pessoas com Transtorno do Espectro Autista.

Por fim, concluímos que a enfermagem desempenha um papel fundamental no cuidado às pessoas com Transtorno do Espectro Autista, principalmente na atenção primária à saúde, atuando na promoção do acolhimento, escuta humanizada, orientação familiar e identificação precoce dos sinais do transtorno. No entanto, ainda existem muitos desafios que limitam essa assistência, tornando necessária a construção de políticas públicas mais efetivas, maior qualificação profissional e fortalecimento da assistência multiprofissional, visando garantir inclusão, acessibilidade, dignidade e melhor qualidade de vida às pessoas com Transtorno do Espectro Autista e seus familiares.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Brasília, DF: Presidência da República, 2012. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm. Acesso em: 9 nov. 2026.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF: Presidência da República, 2015a. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 26 maio 2026.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Especializada e Temática. Linha de cuidado para a atenção às pessoas com transtornos do espectro do autismo e suas famílias na Rede de Atenção Psicossocial do Sistema Único de Saúde. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2015b. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/linha_cuidado_atencao_pessoas_transtorno.pdf. Acesso em: 26 maio 2026.

CARVALHO, Beatriz Cortez de et al. Perspectivas de enfermeiros da Atenção Primária à Saúde com relação à assistência de crianças com Transtorno do Espectro Autista e seus cuidadores. Saúde e Desenvolvimento Humano, Canoas, v. 12, n. 3, 2024. DOI: https://doi.org/10.18316/sdh.v12i3.11705. Disponível em: https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/saude_desenvolvimento/article/view/11705. Acesso em: 13 nov. 2026.

CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION. Data and statistics on autism spectrum disorder. Atlanta: CDC, 2025. Disponível em: https://www.cdc.gov/autism/data-research/index.html. Acesso em: 3 jun. 2026.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. Resolução COFEN nº 678/2021: aprova a atuação da Equipe de Enfermagem em Saúde Mental e em Enfermagem Psiquiátrica. Brasília, DF: COFEN, 2021. Disponível em: https://www.cofen.gov.br/resolucao-cofen-no-678-2021/. Acesso em: 3 jun. 2026.

FIGUEIREDO, Camila Lovato de et al. Assistência às crianças com Transtorno do Espectro Autista: percepção dos profissionais de saúde em Pronto-Socorro Pediátrico. Revista da Escola de Enfermagem da USP, São Paulo, v. 60, e20250350, 2026. DOI: https://doi.org/10.1590/1980-220X-REEUSP-2025-0350pt. Disponível em: https://www.scielo.br/j/reeusp/a/zPF8PvQWB87NbBD6MqjByMh/?lang=pt. Acesso em: 17 nov. 2026.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ). Famílias e desafios diante do diagnóstico do transtorno do espectro autista. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2023. Disponível em: https://arca.fiocruz.br/items/c140f835-6c2d-4399-9033-8b608bd83bf4. Acesso em: 26 maio 2026.

GIRIANELLI, Vania Reis et al. Diagnóstico precoce do autismo e outros transtornos do desenvolvimento, Brasil, 2013–2019. Revista de Saúde Pública, São Paulo, v. 57, 2023. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rsp/a/zT5N7QKxXxkVY4xwS7fLQ3R/?lang=pt. Acesso em: 26 maio 2026.

HERR, Juliana Alves Garcia et al. Percepção de enfermeiros da Atenção Primária sobre cuidados às famílias de crianças com espectro autista. Revista de Enfermagem da UFSM, Santa Maria, v. 14, e14, p. 1-19, 2024. DOI: https://doi.org/10.5902/2179769285735. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/85735. Acesso em: 18 nov. 2026.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo 2022 identifica 2,4 milhões de pessoas diagnosticadas com autismo no Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 2025. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/43865-censo-2022-identifica-2-4-milhoes-de-pessoas-diagnosticadas-com-autismo-no-brasil. Acesso em: 26 maio 2026.

JERÔNIMO, Tatiane Garcia Zuchi et al. Assistência do enfermeiro(a) a crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista. Acta Paulista de Enfermagem, São Paulo, v. 36, eAPE030832, 2023. Disponível em: http://dx.doi.org/10.37689/acta-ape/2023AO030832. Acesso em: 26 maio 2026.

MELO, Silvana Mendes de; CUNHA, Gleiciane Feitosa. O papel do enfermeiro no cuidado e orientação familiar de crianças com transtorno do espectro autista. Revista JRG de Estudos Acadêmicos, São Paulo, v. 9, n. 20, e093278, 2026. DOI: https://doi.org/10.55892/jrg.v9i20.3278. Disponível em: https://www.revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/3278. Acesso em: 18 nov. 2026.

MORAES, Manuela; GARCIA, Thais Cristina da Costa; MORAES, Cladis Loren Kiefer. Enfermeiro na abordagem do transtorno do espectro autista na atenção primária à saúde. Revista FT, v. 29, ed. 144, 2025. DOI: https://doi.org/10.69849/revistaft/ar1020250313085 4. Disponível em: https://revistaft.com.br/enfermeiro-na-abordagem-do-transtorno-do-espectro-autista-na-atencao-primaria-a-saude/. Acesso em: 16 nov. 2026.

OLIVEIRA, Angelica Ribeiro Pinto de et al. Participação de enfermeiros na detecção de sinais de autismo infantil na Atenção Primária à Saúde. Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília, v. 78, n. 1, e20230530, 2025. Disponível em: https://www.scielo.br/j/reben/a/5zpcCQNRtfCCrHJSJmrvyjp/?lang=pt. Acesso em: 26 maio 2026.

PINTO, Rayssa Naftaly Muniz et al. Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares. Revista Gaúcha de Enfermagem, Porto Alegre, v. 37, n. 3, e61572, 2016. DOI: https://doi.org/10.1590/1983-1447.2016.03.61572. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rgenf/a/Qp39NxcyXWj6N6DfdWWDDrR/. Acesso em: 3 jun. 2026.

PRIGOLLI, Julia Brustolin; ROSTIROLLA, Letícia Maria; GRANDO, Patricia. Percepções e desafios de profissionais da Enfermagem na Atenção Primária à Saúde frente ao Transtorno do Espectro Autista. Saberes Plurais Educação na Saúde, Porto Alegre, v. 9, n. 1, e146185, 2025. DOI: 10.54909/sp.v9i1.146185. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/saberesplurais/article/view/146185. Acesso em: 12 nov. 2026.

SOUZA, Katieli Oliveira de; CARDOSO, Khawany Telles; MATOS, Aurindo Henrique Costa. O papel da enfermagem no cuidado com crianças do aspectro autista. Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR, Umuarama, v. 27, n. 6, p. 2391-2407, 2023. DOI: https://doi.org/10.25110/arqsaude.v27i6.2023-018

TORRES, Andressa Trajano et al. Assistência de enfermagem no atendimento ao paciente com transtorno do espectro autista (TEA) na atenção primária. Revista FT, v. 29, ed. 140, 2024. DOI: https://doi.org/10.69849/revistaft/cs10202411211827. Disponível em: https://revistaft.com.br/assistencia-de-enfermagem-no-atendimento-ao-paciente-com-transtorno-do-espectro-autista-tea-na-atencao-primaria/. Acesso em: 26 maio 2026.

KLIN, Ami; MERCADANTE, Marcos T. Autismo e transtornos invasivos do desenvolvimento. Revista Brasileira de Psiquiatria, v. 28, supl. 1, p. S1–S2, 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbp/a/WBXtKB9BBJmtXDcLFQ5qj8r/?lang=pt. Acesso em: 2 nov. 2026.